

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº144 - ABRIL - PORTO VELHO, 2004
VOLUME IX

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

144



FLÁVIO DUTKA

ENSAIO DE EGO-HISTÓRIA - 5

Alberto Lins Caldas



LITERATURA

1

É sempre insuficiente, incompleto e lógico demais o que se diz sobre literatura. Todas as coisas podem ser vistas por mil perspectivas diferentes e sempre se apresentarão antagônicas às outras posições. Mas a literatura tem a qualidade de multiplicar o múltiplo e reduzir a unidade: estamos sempre e sempre estaremos num pântano. Dizer a literatura (e aquela que tento fazer) é tarefa frustrada desde o nascedouro. Como não é algo, não é objeto, discurso, dimensão da apreensibilidade, aquilo que se pode dizer, mas devires sem suporte, sem meio e sem finalidade, todo dizer-sobre resvalará para o impróprio: poderá somente ser dito, sem almejar nada mais que isso: jamais ciência, disciplina, método, verdade, realidade, satisfação, unanimidade: essas alegrias ficam para os que se satisfazem com uma dimensão em baixa frequência da escrita: tão somente momento da fala. A literatura é o que se dá somente para si mesma nos devires de certa linguagem. Mas essa baixa frequência da escrita existe e se diz certa literatura. Torna-se então objeto de Ciência, de análises: é o que dá consistência à atuação dos especialistas das letras, assim como aquilo que dá consistência a certos historiadores é sua ilusão fundamental sobre o passado como algo que existiu ou existe completamente fora das escrituras historiográficas (a História como a "Ciência dos fatos").

Para mim a literatura sempre foi, sempre esteve presente. Uma segunda respiração, um sempre estar ali como realidade que me faz ver o real e a mim mesmo em muitas dimensões, em processo, em rotação. Mas jamais foi algo que, ao tentar gerá-la, me satisfizesse. Dos primeiros textos adolescentes ao "primeiro livro" no fim da década de setenta e durante toda a década de oitenta a literatura para mim foi uma impotência desesperadora. O que não se desenrolava, o que não se tornava tecido, o que não gerava, germinava, explodia. Mas foi nessa década que descobri algo fundamental e que não estava em minha "formação literária": descobri que havia outra literatura bem além daquela que havia me acostumado a considerar como literatura. Literatura que não era somente "contar uma história" ou dizer um país, uma região, uma ideologia, mas sondagem profunda na existência, multiplicadora do nosso diálogo interior, das nossas experiências, das nossas relações e percepções, ampliando a vida, os sonhos, os desejos, a esperança, o corpo e, por que não, a morte. Para isso era preciso uma visão de mundo diferenciada, uma experiência vital singular, uma atividade que me fizesse escapar das principais e tradicionais armadilhas mesmo que fosse para cair em outras, mas ainda assim como uma visão pessoal. Por isso precisei abandonar as primeiras e principais visões de mundo que arregimentara durante muito tempo, como o marxismo, um dos principais empecilhos a construção de qualquer arte, e certo realismo, abismo da aparência.

Mas o primeiro momento dessa "revolução interior" não brotou como consequência natural, mas como uma mutação, o inesperado. Passei a década de oitenta sabendo que escrevia poemas de segunda ou textos primários, me dedicando muito mais às atividades acadêmicas que literárias, apesar de haver participado da criação de uma espécie de movimento literário no Recife (Poetas da Rua do Imperador/Fandango). Mas no final de 1988 comecei a escrever algo que

mudaria não somente a minha escrita, mas minha vida inteira. Daí em diante conformaria o máximo possível minha vida com as exigências, impressões, descobertas, iluminações, desejos e conquistas daquele período. O resultado só seria publicado muito depois (Babel, Revan, Rio de Janeiro, 2001), mas até hoje desenvolvo o que ali nasceu. Eu que era cria de Camilo, Graciliano, Eça, Balzac, Machado, Rosa, Suassuna, Nava, me vi de repente escrevendo sem saber o que escrevia, simplesmente me deixando escrever, apaixonado por essa força pura de linguagem/imagem/significado forçando sua passagem, sua existência. Minha única virtude foi não impor resistência a esse fluir que fui aprendendo a reconhecer e a saber o que era, mas que ao surgir me deixou desorientado, sem suporte de explicação.

E fui estudar, ler, perscrutar o que sucedia. E comecei a ler o que não lia antes. Borges (que detestara e não conseguir ler mais que algumas páginas em 1972), Kafka (que era para mim de uma aridez insuportável), Beckett (sem ser o teatrólogo, mas o ficcionista essencial, o do silêncio e o do nada, o da escrita que se escreve a si mesma), Scliar (o dos contos iniciais, não o escritor sólido que se tornou numa traição essencial), Rubião (para mim o maior contista da língua portuguesa e um dos maiores do mundo), Lautréamont, Calvino e, estranhamente, Jung e toda uma carga de leitura sobre Mitologia: - possibilitaram a construção de uma visão de mundo e de literatura que não somente explicava o que acontecia comigo como abria um universo de possibilidades além daquela que eu mesmo ia construindo sem saber como. Fizeram comigo a passagem de uma visão de mundo terra-a-terra, uma escritura provinciana, realista e impotente para uma escrita lúcida, afiada e integral. Ao mesmo tempo, a compreensão do trabalho exigido para tornar esse vômito iluminado em texto, em literatura. Sem essa infinita torção, tosa, aplique, polimento, desbaste e cimentação (câncer e lepra) não se põe em pé a máquina que faz sonhar (o sonho é a literatura: não o mecanismo).

2

Passei, muito tempo depois, a compreender a ficção como um dos acessos ao ser social na medida em que, ao ser similar à geração da práxis, me põe diante do real e das ilusões que garantem ao real sua dimensão de "programa".

Ser somente linguagem é uma das suas características: e não escondendo isso não esconde o mundo e a medida da sua criação: nada escapa à apreensão constitutiva: a ficção torna-se a tentativa de superação dos limites da linguagem, logo, do próprio ser social e seu "programa" na mesma medida em que o diz em seus devires essenciais. Sem essa superação ela não acontece: é a instauração da negatividade: é a palavra utópica por excelência. É contra-tempo: além da história, realizando o demiúrgico que caracteriza o ser social: seu tempo é somente falsamente histórico: prisioneira da História (ficção que pensa ter existido) a ficção estaria fadada a ficar no tempo do seu presente, objetificada enquanto fóssil, importando apenas por sua condição de "documento menor". Ela não instaura nem o visível nem suas possibilidades, mas o inexistente que passará a fundamentá-lo e explicar, norteador a origem desse visível, interferindo como palavra e visão negativa.

Ficção não é contar uma história, mas armar os fundamentos da negatividade: é criar a história. Não é "história paralela" nem "história futura": mas o movimento da singularidade em busca dos rios demiúrgicos do ser social: não é fuga mas encontro: não é um se deixar mas um devorar que não se sacia enquanto não funda um universo que resgate e recrie o ser social: sua loucura é o indivíduo e a impossibilidade em salvá-lo: a ficção é o desespero da batalha que nenhuma

mercadoria pode conter ou delimitar: êxodo do ser em busca do ser que o saciasse além do tempo, dentro do tempo, salvando-o da decomposição do ser como tempo: grito desesperadamente mítico contra o real. O avesso da memória: derrota do vivido e vida do sonho concreto.

A ficção é a caça-futura desenhada, pintada, soprada, talhada, inscrita, dançada, cantada, gemida, desejada, sonhada no fundo de uma caverna: é sempre aquilo-que-virá, aquilo-que-reúne, que conjuga magicamente o ainda não completamente presente, o desejo de uma fome presente somente para quem está na caverna (também reunião de uma fome coletiva) mas que será de todos no-futuro: a literatura antecipa e cria o momento futuro, a caça futura: a leitura é a carne dessa magia sendo devorada, fazendo existir tanto a magia quanto a carne da magia: a literatura só se realiza nessa caverna oca antes dos olhos em plena escuridão e lusco fusco.

No além da linguagem e do visível a ficção não instaura formas mas a essência do mito, sua substancialidade em metástase: seu ser é símbolo e alegoria no grotesco do mundo (a ficção deve ser alegórica para atingir o grotesco do real). Não a alegoria como espelho do interno invisível mas a apresentação do grotesco demiúrgico.

3

Em 1999 com alguns amigos (Carlos Moreira, Joeser Álvares, Gláucio Giordanni e Bira Lourenço) participei da criação do movimento artístico chamado Madeirismo com a publicação do "Manifesto Madeirista". Foi publicado pela primeira vez no Jornal Alto Madeira em 10 de janeiro de 1999 e no fim do mesmo mês estava publicado em outros jornais e em várias páginas-pessoais. Foi traduzido e levado para a Itália, participou de uma coletânea de textos em Cuba e foi publicado no número 17 do Caderno de Criação em abril de 1999.

A denominação era uma ironia, pois não havia primado algum com a região, com o rio Madeira, com a "cultura da região". Foi um movimento que agitou os jornais, a televisão, o rádio e toda a tacanha "cultura local" durante mais de um ano com polêmicas, debates e artigos. Mas que se desenvolveu principalmente com publicações de livros (de poesias e de contos), exposições de esculturas e pintura, a criação de um conjunto musical (Caixa de Silêncio) com músicas próprias. Além dessas atividades utilizou a internet como veículo principal de sua difusão, criando inclusive, obras somente para este meio em vários países, sendo sempre bem recebidas, apontando para um o filão ainda inicial da arte multimídia.

Sua meta principal foi a de criar uma arte sem os tradicionais limites regionais ou mesmo nacionais. Sem a camisa de força dos realismos-naturalistas de todo o trajeto da "Literatura Nacional". Sem sua necessidade nacionalista, sem a sua palavra de força.

O Madeirismo foi, desde seu nome, uma ironia, um deboche, um escárnio, uma zombaria, uma mangação com tudo que é regional, que é "da nossa gente", do "nosso povo", da "nossa cultura", na "nossa tradição", da "nossa língua", da "nossa história", da "nossa música", da "nossa arte", mas em considerar nenhuma outra cultura como centro ou sequer interessante: somente um canibal devorando absolutamente indiferente uma perna, um braço, uma língua, um peito.

A proposta básica do Madeirismo era, e ainda é, criar contra. É criar além e para nada. Ele não foi projetado para ser de uma cidade, de um Estado, de um país, de uma língua. Não se propunha ser nem histórico nem geográfico: ele apresenta-se contra os limites e o respeito.

Mas o Madeirismo em sua galhofa tem uma coisa absolutamente nova: levantou a saia da "arte rondoniense", da "arte regional", a saia dos brios nacionalistas e provincianos. E seguimos em frente com vários projetos em andamento.

O madeirismo foi completamente diferente daquele que participei no Recife e que foi denominado "Poetas da Rua do Imperador", que começou como uma resistência. Um poema do poeta Iran Gama havia sido recusa num jornal. Eu e ele fizemos um "jornal", em uma folha com um poema de cada um e mais dois poemas de amigos próximos (Vital Corrêa de Araújo e Paulo Bandeira da Cruz), chamado "Fandango". Tirei cópias e distribuimos em vários "momentos culturais". Isso resultou num processo que agitou a cultura local com a publicação de livros, poemas em jornais, recitais e debates, mas que depois foi "tomado" por uma multidão de poetas que nada tinham a ver com aquilo que fizemos. A conclusão foi um belo livro chamado "Poetas da Rua do Imperador", poemas e ilustrações, papel muito bom, e que nada carregavam daquilo que fizemos e desejamos nós quatro. Na essência não foi um movimento, mas uma pequena agitação cultural no mormaço recifense. Completamente diferente do Madeirismo que parte de um manifesto, de uma visão de mundo e com obras mais sólidas.

4

E a conexão com a História foi se refazendo duramente durante a década de noventa. Não foi uma relação fácil, mas conflituosa, áspera, às vezes infrutífera e cheia de engano, mas que não deixou de existir em nenhum momento. O mundo como passou a existir para mim exigia um combate com a História, ou melhor, com aquela História que ainda não abandonou realismos e cientificismos, aquela que não pesou sua posição, aquela que ainda não alardeou sua dignidade essencial e se contenta com o muito pouco das ideologias, das técnicas e dos conhecimentos periféricos, sorrindo ao poder ao mínimo gesto para uma visão oficial.

Formou-se uma contradição entre minha literatura e a História, e isso só veio a ser posto em pratos limpos no fim da década de noventa e ainda está em processo.

As questões próprias da História cederam o lugar a uma preocupação mais ampla, não a partir de um ponto cego no presente, mas uma articulação de "várias disciplinas" na reflexão-tempo. Comecei a voltar a partir da tese marxista de "que o objeto, a realidade, o mundo sensível" deve ser compreendido "enquanto atividade humana concreta": me cabe agora pensar a forma de existência desse "mundo sensível", como ele é criado/reproduzido, como essa atividade concreta transformada em vestígios aparece ao historiador. "Objetivamente" (dimensão do imediato do presente) a *história* está inscrita somente na *História*, isto é, nos livros, na escrita, nos complexos imaginários que são o tempo. É preciso enfrentar esse "primeiro momento", essa dimensão de escrita, de imaginário; em segundo lugar a dimensão que a primeira instância abre enquanto teoria e alienação das questões, ou materialização do teórico enquanto realidade. A primeira questão metodológica da História é a compreensão desses mecanismos, desses fluxos, dessas substituições: essa vontade obscura em ser Ciência sem jamais haver sido (como se o rigor filosófico não lhe fosse suficiente, suficiente para um mundo frouxo que sonha com um ilusório rigor militar-científico; para que "conhecimento positivo" se não é aplicável, se não é "técnico" nem "prático"?).

Dessa maneira, a *história* migra para a *História*, e esta deve enfrentar sua *produção*, as ilusões decorrentes dessa produção e os *poderes* advindos dessa construção enquanto ideologia (idéia, sistema de idéias que se pretende dizer-o-real, serem o próprio real) e sua reconstrução enquanto saber essencial, aquele que diz a dimensão fundamental. História é ou deve ser uma filosofia das realidades básicas e fundantes. Sua *matéria* é o tempo.

A relação entre a Literatura e a História pode ser muito mais produtiva do que normalmente se espera. São duas dimensões da narrativa, mesmo que uma ostente sua ficcionalidade enquanto a outra esconda sua dimensão de criação de linguagem. O contato poderia abrir para a História um arsenal moderno para sua escritura, trazendo estratégias literárias para o enfrentamento de uma realidade não mais compatível com “narrativas judiciárias e policiais” tornadas princípio historiográfico.

Uma História que entenda Narrativa como “relato factualístico” perde seu poder essencial, perde um conceito e uma prática que se na História resvalou para uma História Oficial e positivista, na literatura e em outras “teorias sociais” se mostrou completamente fecundas, agudas e imprescindíveis. A narratividade em História (uma das principais questões da relação História/literatura) não é aquilo que normalmente foi denunciado pelos Annales. A chamada História Científica não é a História, mas um dos seus possíveis metodológicos. Abandonar o poder da narrativa prismatizada por um rigor filosófico em nome da Ciência, é continuar com o transe historiográfico longe demais.

Dessa maneira, articulando a História e a literatura (durante todo o ano de 2002 ensinei a disciplina “História e Literatura” na Universidade), pude tentar superar pessoalmente uma dicotomia que muito cindiu minha vida. Ainda não encontrei completamente um sistema satisfatório, uma resposta elegante, mas minhas atividades nestas áreas têm me posto no caminho.

COMENTÁRIO FINAL

Tive, durante minha vida acadêmica, a oportunidade de trabalhar e me apaixonar por várias maneiras do “fazer história”, seja com Arqueologia, seja com em Arquivos, seja com História Oral, seja com a reflexão sobre a produção do conhecimento historiográfico, seja com a escrita literária e suas teorias.

A *matéria* do nosso ofício, ao não ser única, ao não se apresentar uniforme ou monofônica, bem longe da pretensa e tranqüila positividade das Ciências Técnicas, exige experiências polimórficas. Não basta um documento escrito ou impresso, carvão ou cerâmica, entrevistas, idéias, métodos, imaginários ou fotografias, ícones ou monumentos exigindo especializações. Uma reflexão epistemológica em História pede do historiador uma vida aberta às “várias aparições do tempo”. Ao mesmo tempo ele deve estar preparado e ser tudo aquilo que sua matéria em devido tempo e lugar poderá exigir.

Meu percurso como escritor, arqueólogo, arquivista, epistemólogo, oralista e, por fim, historiador, não é uma dispersão, mas um feixe de força em busca de perguntas, mais que de respostas, sobre algo em constante ebulição: inquirir o caos: daí a questão metodológica ser central na minha vida. Daí minha paixão periférica por várias disciplinas como a Antropologia (uma das minhas primeiras paixões), Sociologia, Teoria Literária e Filosofia. Por manter a idéia da História como a filosofia básica do humano, aquela que é encarregada de pensar sobre nossa dimensão essencial, aquela que nos faz enquanto nós a fazemos (o passado),

sempre pensei que tanto a Filosofia deve partir da História quanto todas as outras disciplinas das Ciências Humanas e não o contrário. Quem sustenta as reflexões periféricas é a História, principalmente quando não está hipnotizada por seduções e “propostas ideológicas”, pelas cristalizações naturalizantes e universais.

Para isso foi preciso ver a História como contínuo processo, vivo, latejante, em constante metamorfose para poder dialogar com sua imprópria matéria, que é virtualmente contraditória, múltipla, polifônica, jamais estando onde pensamos encontrá-la, mas encontrando-a somente depois de assumirmos nossa própria dimensão criativa e imaginária (método em História é saber exercitar as várias formas de existência dos nossos elementos). O historiador é aquele que vai fazer aparecer o sentido do emaranhado amorfo dos vestígios do vivido. Minha atenção sempre esteve aí, nesse lugar e nesse momento prático-teórico onde se criará algo que, mesmo não sendo o que foi, irá significar. Meu percurso é fundar para mim não somente conhecimentos específicos mas a relação vivíssima entre eles.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*De todo o coração, adeus.
É melhor fazer a viagem de volta
e ver o que sobrou
Um biscoito molhado no chá,
um último pêlo de barba,
um roçar de patas
no corrimão do sótão.
Perto do sol
qualquer ângulo
pode gerar impressão de noite
e assustar até aqueles
que ainda crêem no amanhã*

CARLOS MOREIRA